

ABRAÇAR A LENTIDÃO, ATRAVÉS DAS ARTES E DA EDUCAÇÃO

Uma conversa entre Marta Cordeiro, Sílvia Real e Susana Martins, outubro de 2018

Marta Cordeiro

ESTC - Escola Superior de Teatro e Cinema, Instituto Politécnico de Lisboa

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Sílvia Real é coreógrafa, bailarina, diretora artística do *Grupo 23: silêncio!* e coordenadora do Centro de Formação Artística (CFA) no Teatro da Voz.

Susana Martins é responsável pela direção de comunicação do *Grupo 23: silêncio!* e do Centro de Formação Artística.

Cheguei ao Teatro da Voz pelas 11h, como combinado. Como a porta estava aberta, fui entrando e logo apareceram a Sílvia Real e a Susana Martins. Mostraram-me o espaço – aqui o escritório da EIRA, uma sala do *Grupo 23: silêncio!*/Produções Real Pelágio, o atelier do Bruno Canas de onde se vê, em baixo, um espaço ainda por recuperar e arrumar. Mais abaixo, haveria um estúdio de som, do músico Simão Costa. A sala de ensaios estava a ser utilizada, ficou adiada. Mas vi a antecâmara dessa sala, onde as crianças esperam para os ensaios: uma mistura de livros para a infância e para todas as idades e um pequeno mas importante espólio em construção, com a história daquele Teatro, antes da Graça, com alguns dos nomes por ali passados.

O espaço conta muito da história do *Grupo 23: silêncio!*: diz-nos da vontade de colaborar, de acolher – artistas de proveniências várias, crianças, pais; mas fala, também, de um projeto que se vai construindo e que, nesse processo, conquista: espaços (novas salas) e pessoas, sem nunca perder de vista o passado.

Sentámo-nos numa sala do *Grupo*, com vista direta para o pátio da Escola A Voz do Operário (um sítio de onde nunca se deixa de ouvir o som das crianças), para continuar uma conversa já iniciada através de e-mail, onde participou a Sílvia Real e a Susana Martins, e que foi pontuada com alguns comentários da Catarina Saraiva, outro dos pilares do *Grupo*. E eu, que muitas vezes penso que tudo se faz por e-mail, comecei logo a sentir-me menos confiante nos benefícios da distância, com a Sílvia a dizer *Gosto de sentir as pessoas, gosto de me atrapalhar*.

A conversa seguiu o rumo de ir surgindo e se ir atrapalhando. Mas começou pelo início do projeto, quando os espetáculos *Casio Tone*, *Subtone* e *Tritone*, das Produções Real Pelágio, que não foram

pensados para crianças, passaram a fazer parte da programação infantil. E, quando a mãe Sílvia Real, descontente com o panorama do ensino artístico da escola do seu filho, A Voz do Operário, decidiu começar a acompanhar a turma, com trabalho artístico voluntário.

Sílvia Real (SR): Dois anos de voluntariado acabaram por me dizer que queria mesmo trabalhar com crianças, depois de cerca de 15 anos a trabalhar para crianças.

A Senhora Domicília, a trilogia *Casio Tone*, *Subtone* e *Tritone* foram muito fortes para mim. Esta trilogia foi apresentada durante muitos anos.

Marta Cordeiro (MC): Forte para todas as pessoas.

SR: Não tenho muito a noção disso. Vão aparecendo pessoas que viram e que gostaram, que se lembram e dizem que os espetáculos as marcaram de alguma forma. Fico contente. Estamos a fazer um site - um arquivo - com a trilogia, onde poderão ser revistos e onde a informação ficará online.

Esses espetáculos despoletaram em nós [Sílvia Real e Sérgio Pelágio] uma aproximação muito grande às crianças, deram-nos a confirmação de que as crianças têm um grande potencial: os comentários que faziam depois do espetáculo, as perguntas, as conclusões que nos apresentavam são inesquecíveis! Nós não tínhamos filhos na altura e aí pensávamos, quando terminavam as oficinas, que as crianças eram/são incríveis! Às vezes faziam comentários mais acertados que os adultos, detetavam mesmo certos erros. A certa altura, davam-nos repostas a questões dramaturgicas.

Comecei a pensar que o modelo das oficinas que íamos desenvolvendo se começava a esgotar. Inicialmente foi a coreógrafa e programadora Madalena Victorino que, quando viu o espetáculo *Casio Tone* (1997), disse, *isto é para crianças*. Eu e o Sérgio nunca tínhamos pensado nisso, aliás dissemos à Madalena, na altura, que essa decisão era responsabilidade sua. Achávamos que tínhamos um humor ácido, que seria um risco, que o espetáculo tinha um ritmo estranho, era muito lento... e que não nos responsabilizávamos se fosse um fracasso. Mas a Madalena respondeu *não, não, tenho a certeza, isto é para crianças e é com oficinas e são cerca de 15 dias com espetáculos seguidos de oficinas!*

Realmente, apercebi-me depois de que o imaginário de *Casio Tone* - e dos outros dois episódios seguintes - entrava nas crianças. Nunca cedemos em nada, sempre fizemos o que gostávamos e, literalmente, tínhamos encontrado um novo público. Afinal a nossa dúvida era mais um preconceito e a Madalena Victorino tinha razão.

Isto para voltar à questão da escola e ao meu voluntariado. Quando decidi que queria aprofundar o trabalho com crianças, comecei a procurar um espaço para trabalhar com um grupo. Descobri o Teatro da Voz, (antigo Teatro da Graça) e era preciso conquistar a Escola A Voz do Operário. Apesar dos meus dois anos de voluntariado dentro da Escola e de ser uma mãe participativa, tinha de haver uma proposta que interessasse a Escola. Era preciso um projeto, mas também me faltava uma estrutura que o apoiasse logística e financeiramente. Falei, então, com o coreógrafo Francisco

Camacho, que andava à procura de um novo espaço. Assim, surgiu esta ideia: com a Escola, trocava horas de voluntariado pelo espaço; com o Francisco Camacho/EIRA, trocava esse voluntariado na Escola pela manutenção que o espaço envolvia. Todos felizes. Somo muitos, neste momento, a frequentar o Teatro da Voz, nem sempre é fácil, mas a verdade é que corre bem.

Na altura, também pensei que não podia estar sozinha nisto, que seria um grande imbróglio, não podia dar tantas aulas ou corria o risco de deixar de ser artista em troca de um espaço para ensaiar e dar aulas.

Comecei a sondar pessoas que trabalhavam com crianças, ou não, mas que poderiam estar interessadas em dar aulas em troca de um espaço para ensaiar, sem haver outra promessa senão a de que eu ia tentar que resultasse e iria continuar a procurar financiamentos.

Aí entrou o Bruno Cochat, da área da dança, o Bruno Canas do vídeo, a Mariana Ramos das artes plásticas e o Simão Costa da música; mais tarde a Sofia Sequeira e a Rute Prates, também da música, e a Rita Pedro da filosofia.

MC: No fundo este espaço é uma espécie de grande *atelier* onde cada um tem um espaço e, em troca, trabalha voluntariamente com crianças.

SR: Ao princípio era voluntariamente; agora, com os apoios que temos da Câmara Municipal de Lisboa e do Ministério da Cultura através da Direção Geral das Artes, todos são pagos de alguma forma. De repente, já não são só estes artistas, são muitos mais. Não só trabalham na Escola A Voz do Operário, mas nas escolas do Castelo e Santa Clara, todas na zona da Graça. Todos têm um salário, menos os artistas que têm aqui um espaço de trabalho privilegiado (o caso do Bruno Canas e do Simão Costa): em troca de um estúdio privado dão cerca de 20h de aulas por ano letivo.

MC: Tudo partiu do voluntariado...

SR: Tudo partiu da ideia de uma mãe! Aliás, de uma mãe e de um pai (eu e o músico Sérgio Pelágio). Desde sempre quisemos interagir construtivamente com a Escola dos nossos filhos. O Sérgio lançava as ideias e eu tinha a coragem de propor e voltar a propor, sempre fui assim. Nunca me faltou coragem para tentar mexer com aquilo que me rodeia e que acho que pode melhorar...

E assim, em 8 anos, tudo isto foi crescendo. Para além das aulas que acontecem aqui, no CFA/Teatro da Voz, que qualquer menino da zona de Lisboa pode frequentar, este ano, existem as aulas em que nós vamos às escolas. Neste momento, são cinco professores (Mário Afonso, Rita Roberto, Ana Bacalhau, Rúben Santos e Simone Andrade) que se deslocam regularmente às salas de aula e trabalham em parceria com os professores de 1º ciclo das respetivas escolas.

Mas o projeto não é só isto. Isto é só uma parte. Depois há os espetáculos do *Grupo 23: silêncio!*: o primeiro foi o *E Se Tudo Fosse Amarelo?* (2015), estreado na Culturgest; depois o *AGORA* (2017), no Teatro Municipal São Luiz, de Bruno Cochat, já com outro grupo de crianças e, entretanto, estamos a ensaiar um novo espetáculo, de minha autoria e cocriação do Francisco Camacho, a estrear em 2019 no Teatro Nacional D. Maria II.

Portanto, está sempre presente o lado da formação que, neste caso, com o *Grupo 23*, estende-se à apresentação e à digressão. Não é totalmente profissional porque são crianças, não faz sentido, mas gostaria que fosse uma experiência forte que abrange as áreas da dança, do teatro, da música, da filosofia e, mais recentemente, dos direitos humanos. Há uma formação gratuita que eles retiram daqui, mas que não prevê um estatuto profissional, apesar de haver um compromisso, uma responsabilidade para com o projeto. Mas a minha ideia é que nunca se perca o lado lúdico enquanto experiência e divertimento, apesar de ter um caráter totalmente profissional para os adultos. Estamos sempre a testar as fronteiras, entre nós e com eles, para que se chegue a um objeto artístico interessante para todos. Respeito muito a lentidão dos processos e o ritmo das crianças ainda é mais lento e inesperado do que o dos adultos; há ensaios em que não chegamos a lado nenhum, noutros acontece tudo!... Promovo a ideia de não ter pressa. Acreditar que chegaremos a um resultado e acreditar numa experiência especial, isso sempre! E há miúdos que desistem, outros revelam-se...e nós temos que nos adaptar constantemente.

MC: E também existe o “Fora do Sofá”...

SR: “Fora do Sofá”, adoro esse nome! Foi uma ideia da Susana Martins. Vamos com as crianças e com os pais ver espetáculos, exposições, concertos... Coisas para adultos, às vezes à noite! Alguns adormecem, mas não faz mal, isto é o que sempre fiz com os meus filhos, desde muito cedo, e que agora alastrou ao *Grupo*.

Susana Martins (SM): Eles retêm sempre qualquer coisa.

SR: Claro que sim! Muito mais do que nós pensamos.

MC: Portanto vão ver coisas que não são para a infância.

SR: Coisas que eu admiro, que me interessam enquanto artista. Não vou ver nada só por causa deles. Faço precisamente essa ponte entre o que é e não é para crianças – esclareci isso com o *Casio Tone*.

MC: Mas, mesmo quando dormem, porque é que é tão importante irem?

SM: A minha filha tem seis anos, fomos a um concerto do Marco Franco com Joana Gama e ela dormiu grande parte do tempo. Mas depois disse-me *mãe, a música era tão linda que adormeci*.

SR: Também há o caso de uma criança de seis anos que adormeceu num espetáculo de dança da Tânia Guerreiro, mas depois falou do espetáculo à mãe e disse-lhe que, como adormeceu, queria ir vê-lo novamente.

SM: É um hábito que se cria e alimenta. Umás vezes é experienciado com entusiasmo, noutras fica a marinar.

SR: É um hábito, às vezes é fantástico, outras vezes é uma seca...temos de arriscar e a seguir falamos disso com eles.

MC: Mas é importante apanhar secas?

SR: É! Como dizia uma mãe, *ainda bem que ele estava com os seus amigos, assim apanhou uma seca e estava acompanhado. É mais divertido!*

Claro que também vou ver coisas que sei que eles vão adorar, eventualmente mais fáceis. Mas também vimos filmes, documentários. Vamos ver e falamos a seguir. Recentemente vimos o filme *BlacKkKlansman: O Infiltrado*, de Spike Lee e queremos ir ao Porto, a Serralves, ver a exposição do fotógrafo Robert Mapplethorpe.

Eu já queria ir e, depois da polémica, ainda fiquei com mais vontade. Queria ir porque admiro muito o trabalho deste artista, um dos mais conceituados fotógrafos do séc. XX. Trabalho com crianças há muitos anos e gosto de ser eu, juntamente com os pais, a decidir o que devem ou não ver. Se estão ou não preparadas. Cada encarregado de educação tem o direito de decidir. Não aceito proibições descabidas e que levam precisamente as crianças, mais tarde, a criarem preconceitos de várias ordens. Esta triste polémica fez-me pensar e comentar com o *Grupo 23* várias questões ligadas à liberdade de um artista e ao que deve ou não deve ser proibido.

SM: Queremos aproveitar a polémica gerada para conversar sobre o que é isso do interdito e do que, em cada sociedade e em cada época, pode ou não pode ser visto, e por quem.

SR: Falar sobre algum puritanismo que andamos a viver e a desenvolver, vindo de todos os lados. É um pretexto ótimo. Voltámos a outro tema de que já tinha falado com o *Grupo*, a polémica gerada em torno do artista Wagner Schwartz no Brasil, que implicava também uma criança e a nudez. Apesar de apontar para uma questão diferente, há pontos comuns e é muito preocupante!

MC: É sempre uma questão de consciência e de não infantilizar?

SR: Sim... Na música é a mesma coisa, não infantilizar. Ouvimos a música de que gostamos, desde a gravidez, devem ouvir todos os géneros musicais, acredito que tudo começa nesse momento.

O importante é ouvir de tudo e explicar-lhes a complexidade da composição musical. Passar isso aos mais jovens. Nas aulas não ouvimos regularmente música foleira.

Eventualmente, um dia, poderemos ter de ouvir nos ensaios música foleira por uma questão artística e se dramaturgicamente fizer sentido, até pode ser a música escolhida para determinada cena de um espetáculo. Desde que bem justificado, a liberdade é total, não existe restrição estética.

Para além disto, temos sessões pontuais, aulas abertas com artistas, criadores e pensadores, que adoro. É um pretexto para conhecer pessoas que normalmente não tenho tempo de conhecer, de os desafiar a trabalharem com crianças, caso não estejam habituados a tal, como o exemplo da

Joana Gama. Esse é o desafio, como adaptar a linguagem artística às crianças. Foi o que eu fiz no *Amarelo*: como é que posso ficar artisticamente satisfeita numa cocriação com crianças.

No caso dos artistas que já têm experiência a trabalhar com crianças, é um pretexto para os conhecer e eventualmente colaborarem em futuros projetos.

Para as aulas abertas também convidamos pessoas da área do pensamento, dos direitos humanos, por exemplo, a curadora Catarina Saraiva ou o programador Nuno Sena. Estas sessões acontecem pontualmente e estão abertas ao público em geral (adultos e crianças).

MC: As crianças com quem trabalham têm a oportunidade de tocar várias disciplinas – música, dança, artes plásticas, etc. Mas como fazem isso? Essas áreas entram naturalmente no projeto que estão a desenvolver ou fazem isso de uma forma mais especializada?

SR: A minha formação principal é a dança mas, nos espetáculos, raramente danço apenas. No início interessava-me perceber qual a melhor forma de passar aos mais jovens a minha experiência, as minhas preferências. Sempre pensei que queria abordar a música, o teatro e as artes plásticas. E como fazer isso de uma forma especializada? Por exemplo, não tenho formação em música...e aí senti necessidade de convidar outras pessoas para me acompanharem. A Sofia Sequeira, que trabalha comigo desde o *Amarelo*, é professora de guitarra clássica e interessou-se por este projeto porque a desafiava a trabalhar com os miúdos de uma forma menos convencional, diferente das escolas onde trabalha e que têm um ensino mais formal e pouco tempo para explorar mais livremente outros conteúdos como, por exemplo, a improvisação. Percebeu que poderia, juntamente com a Rute Prates, da área do canto, explorar de uma maneira mais aberta. Sinto que na maioria das escolas de música, dança e teatro há muito pouco espaço para a improvisação. Há poucas aulas de improvisação e em muitos casos não faz mesmo parte dos currículos. Não concordo. Na escola onde estudei (London Contemporary Dance School) há cerca de 20 anos já tínhamos, na altura, a possibilidade de escolher a disciplina “Improvisação”. Quando é que isto será alterado? Parece-me que há a ideia errada de que só no jazz é que se improvisa regularmente. Acho quase ridículo este atraso! Gostaria que este projeto proporcionasse aos miúdos e adultos essa experiência em continuidade, e não só pontualmente.

Com a filosofia foi um feliz acaso. Conheci a Rita Pedro que trabalha em filosofia com crianças - *com* e não *para*, como ela gosta de sublinhar. E percebi que fazia um trabalho incrível, ao colocar os miúdos a pensar sobre temas complexos de uma maneira muito informal. Nas suas sessões, os miúdos são estimulados a ser curiosos, a querer pensar em questões difíceis, a querer falar. E logo pensei que a Rita seria um elemento importante para desenvolver algo com o *Grupo*, vinda de uma área de que admiro, mas na qual não tenho formação.

SM: E que assim entrava na investigação para o espetáculo.

SR: Exatamente. Ela vinha fazer sessões de filosofia com as crianças e eu ia ouvindo. Houve uma altura que disse que queria usar algum do material - que gravava regularmente - no espetáculo.

Porque era incrível o que eles conversavam. O que eles têm para dizer. A *cena do sofá* do espetáculo *Amarelo* partiu destas sessões.

SM: Foi baseado no que eles diziam.

SR: Sim, foi adaptado, mas o texto é das crianças. Tentámos não perder aquela confusão natural que está dentro das suas cabeças.

MC: Da experiência que têm, de que querem as crianças falar?

SR: Começo por contar o que duas crianças partilharam no último ensaio do *Grupo* e que, por mais que queira, não me sai da cabeça. Um professor tinha dito, quando falavam sobre instrumentos, e quando percebeu que x rapariga queria ser percussionista: *a percussão, a bateria, isso é para rapazes*. Outra criança contou que, ao ver dois rapazes a beijarem-se no recreio, um professor disse algo como: *dois rapazes não podem nem se devem beijar, Deus criou o homem e a mulher por alguma razão e a natureza do ser humano é essa – mulher com homem*, mais uma mão cheia de disparates, o que levou um grupo de crianças a confrontar o professor. Estes comentários continuam a acontecer e sei que as crianças (11/13 anos) precisam de falar sobre isto!

É assustador!!

Estes dois comentários surgiram quando aquecíamos, antes de iniciar o nosso ensaio. Sem mais nem menos, porque nos nossos ensaios falamos destes assuntos: racismo, discriminação, cocriação, respeito pela diferença... e falamos porque sinto que, infelizmente, apesar de já se falar mais e de alguns (raros) professores conseguirem integrar bem estes assuntos nas suas aulas, reconheço que continua a ser pouco. Estes temas são determinantes no crescimento de uma criança e acho que a escola falha muito no pouco tempo que destina a estes assuntos.

A estes dois exemplos, junto muitos outros - e são muitos - que tenho arquivado durante estes 8 anos em que trabalho regularmente com crianças (6 aos 15 anos). É desesperante, os disparates que oiço e reconheço que tenho de dar uma volta grande neste projeto para que, para além do lado artístico, haja ainda mais espaço para falarem dos vários dilemas que vivem diariamente: a descoberta da sexualidade, a discriminação, o bullying...

A descoberta da sua sexualidade, falam muito desta questão: és gay, o que é ser gay? Eles sentem que aqui há um espaço para falar nisso, que não há discriminação. Gostava de lhes dar confiança para eles não se resignarem aos disparates que certamente vão ouvir pela vida fora. Estamos sempre a valorizar o facto de serem lutadores nas suas vidas pessoais; se ouvirem alguém a dizer este tipo de disparates: *isto é para homem, isto é para mulher*, não se calarem, não engolirem...

SM: Há uma intenção de estimular ao máximo o caminho do autoconhecimento e a capacidade de pensar, questionar e julgar pelas suas próprias cabeças – quem sou eu / quem és tu – os desafios da relação com o outro que também nos define.

SR: De que mais coisas querem as crianças falar? Claro que todo o mundo tecnológico, redes sociais e loucura de engenhos informáticos os faz absortos e alienados do mundo à sua volta. Vou vendo e ouvindo, vou lutando com todas as minhas forças para perceberem que há outras coisas para conhecerem e experienciarem e que também valem a pena. Uma tarefa árdua de que não desisto...

MC: Existe educação artística sem reflexão? Deviam a educação artística e a filosofia serem pares nos currículos do ensino básico?

SR: Pares e obrigatórias!...

Para mim, não é possível existir educação artística sem reflexão. Vão lado a lado. Enquanto artista, para conseguir ter uma ideia, preciso sempre de rabiscar, escrever, ler, ver muitos filmes, olhar e olhar, e olhar novamente para as pessoas na rua e para as pessoas ao meu lado, ouvir música muito alta, ir a concertos, viajar, entre mil e outras tarefas. É como encontrar uma agulha num palheiro (frase irritante), mas é por isso que é muito difícil explicar, às vezes impossível, porque é totalmente imprevisível.

A única coisa de que tenho a certeza absoluta é que é preciso estar sempre atenta, tudo pode ser uma espécie de gatilho para depois desenvolver num gesto, num adereço, num personagem, num momento possível para aparecer num espetáculo. Para que isto aconteça é preciso ter TEMPO, um tempo que estou sempre a reconquistar porque facilmente o vejo adiado pela rotina asfíxiante que vivo, e a que preciso também de dar resposta, para além de ser artista. Isto leva-me à tua pergunta. Defendo com unhas e dentes que a educação artística e a filosofia são práticas que deviam ser obrigatórias ou mais exploradas nos currículos do ensino básico. São ambas práticas que implicam um *estar* diferente. Não ter planos para chegar a algum lado, apesar de se ter um final concreto, lá longe...

Coloco a filosofia e a educação artística no mesmo plano. O prazer de compreender uma ideia difícil para uma criança pode/deve ser tão estimulante como conseguir concretizar uma improvisação (em dança, música...) em que se sinta realizada. Quero dizer, sentir-se em êxtase porque se teve uma ideia nova pode ser tão gratificante como o prazer em pensar e compreender um conceito. Depois há sempre um possível produto final, uma conclusão, mas também pode não haver e não há problema (este é o grande dilema dos educadores, pais e professores...).

Não acho que estas práticas devam ter uma avaliação quantitativa nem qualitativa. E este é mais um problema, o que não é quantificado não existe. Não avaliar não desvaloriza as áreas, acredito que qualquer criança (educação ou grau de desenvolvimento diferentes) tem um talento inato e gosta de pensar! E por isso a importância destas práticas serem obrigatórias. E parece-me que estas disciplinas são especialmente adequadas para desenvolver estas capacidades, desde muito pequenos. Objetivos há, claro, e muito concretos:

- confiança e autonomia;
- concentração;

- conhecer o seu próprio corpo;
- retirar bloqueios em se misturar com outros corpos;
- desenvolver o prazer em pensar;
- abolir preconceitos possíveis já existentes em relação ao género - e outros e que oiço regularmente - através de exercícios práticos, jogos e improvisações!: “menino não dança, é maricas”; “menina não toca bateria, é coisa de rapazes”; “se tocas piano, deves ser paneleiro”; “menino não beija menino, Deus não determinou assim...”, entre outras questões discriminatórias;
- falar sobre assuntos ligados à ecologia regularmente e com jogos e atividades práticas.

SM: A Catarina Saraiva junta à arte e à filosofia a importância da ecologia; eu acrescentaria a antropologia. A antropologia que estuda as ditas sociedades tradicionais onde precisamente podemos encontrar saberes e práticas ancestrais que trazem à luz do dia a relação estreita e a interdependência vital entre humanos e natureza – como podemos aprender com o exemplo de outros povos, de outras geografias, mas também a antropologia das sociedades complexas que investiga de perto a experiência humana de comunidades excluídas das sociedades contemporâneas ditas desenvolvidas.

MC: Uma das dúvidas que vos coloco, porque a tenho, é: este projeto é um projeto de proximidade. Obviamente que o ideal seria existir a nível nacional. Mas isso é possível?

SM: Poderia haver uma replicação do modelo com adaptação noutros contextos. Um movimento de contaminação.

MC: A questão é que o ensino depende muito do professor, mais que dos programas. Quando este tipo de projeto se alarga, qual a maneira de garantir a qualidade? Aqui tudo depende muito da escolha dos professores. Nos currículos do ensino básico, as artes estão lá. Mas na prática nada acontece. Como é que estes projetos que em parte são locais...

SM: A questão é a da formação dos adultos.

SR: Esse é neste momento outro dilema neste projeto. Começo a perceber que estar com os miúdos e dar-lhes esta formação é fundamental, mas acabamos por chegar a poucos. Será que temos de investir mais, no futuro próximo, na formação de adultos e professores? Neste momento, temos cerca de 15 turmas com quem trabalhamos, mais 3 grupos regulares no CFA. São cerca de 400 miúdos regularmente. Mas se trabalhássemos com 400 professores, se pudéssemos alargar esta formação, o que é que isso mudaria?

Há muito para mudar e educar...

Portanto, estou a pensar em como investir mais na educação dos adultos, apesar de não querer perder o foco nos miúdos.

Aprendo muito com as crianças, mas estender esta reflexão a um número maior de professores é uma hipótese.

Neste momento, dei já um primeiro passo, trabalho diretamente com uma pessoa da área dos direitos humanos, a Simone Andrade. Percebi que tinha de passar rapidamente da teoria para a prática e que, por um lado, não queria estar sozinha nem saberia exatamente como colocar na prática alguns temas tão complexos. Por outro lado, não queria deixar de fazer o que gosto, de fazer coisas com as crianças (dança / teatro, enfim, espetáculos).

Assim, a Simone, que integrou a nossa equipa este ano, irá trabalhar com 6 turmas e 6 professores do 1º ciclo na oficina *Ler o mundo através dos Direitos Humanos – oficina de reflexão e ação para crianças*, e ainda está a trabalhar comigo e com o *Grupo 23: silêncio!* no novo espetáculo.

Depois das várias experiências que tenho tido com crianças, adolescentes e adultos (docentes) nestes últimos anos (Casa Branca, Arte Total, Materiais Diversos, conferência na Escola Maria Ulrike, ESDança, etc) apercebo-me que o trabalho deve ser mais direcionado para os adultos.

As crianças quando nascem, e todos sabemos, sejam brancas, pretas, amarelas... não têm preconceitos, querem é brincar, sentir, viver, explorar, improvisar, transformarem-se e somos nós, estúpidos adultos, que destruimos isso tudo com os nossos preconceitos enraizados pelas nossas educações e questões culturais. Os professores continuam (salvo algumas exceções) a ter uma falta de cultura geral enorme e a passar muitas vezes valores errados.

MC: Isto é um projeto artístico, mas também político.

SR: Isso foi a entrada da Catarina Saraiva, que não conhecia o projeto, que veio esclarecer. Acontecia informalmente, mas a Catarina tornou isso mais consciente.

MC: Na nossa conversa digital, a Catarina diz mesmo que vocês são um coletivo político, no sentido em que pensam a relação entre arte e educação a partir da constituição de um discurso crítico que promove a abertura de espírito, para crianças e adultos...

Há algum risco de o projeto se tornar ideológico? Porque isso é sempre visto como um perigo por parte das artes.

SR: Às vezes irrita-me, *ai somos tão críticos!* Essa necessidade de formalizar isso - nós já o éramos, porque é que temos que formalizar? É uma incerteza da minha parte que, ao mesmo tempo, é pertinente. Em relação ao risco...acho inevitável. O que é que eu passo a estes miúdos? Eu marco sem querer e, ao mesmo tempo, não marco sem querer, é a mesma coisa. Que repercussões é que isto virá a ter neles? Algumas terá, boas e menos boas. O meu ponto de partida é sempre abrir

possibilidades. O facto de eu, por exemplo, não acreditar em Deus, não quer dizer que não respeite meninos que acreditam. E está tudo bem. Mas eles têm que me respeitar como eu os respeito.

SM: E nesse sentido não é ideológico, ou é: uma ideologia do respeito mútuo e dos valores que o promovem.

SR: Nesse sentido não é rígido, eu não estou a dizer para não acreditarem, apesar de eles saberem que eu não acredito e porquê. Faz parte as pessoas saberem justificar-se. Se isto os vai mudar, talvez. Mas educar tem sempre algum risco e o mais importante é estarem em paz com as suas opções, mesmo que as venham a alterar, porque nada é totalmente fixo.

SM: E mesmo dentro do *Grupo* há várias sensibilidades e referências, há grande diversidade.

SR: Respeitar essa diferença, isso sim, é o que dirige este processo. Esse é o papel que temos. Agora, se às vezes falho? Claro que devo falhar! Por exemplo, às vezes não aguento e digo... *desculpa lá, que estupidez é que esse professor te disse?! Não devia dar mais aulas!*

SM: Em termos de modelo, de abordagem, no trabalho específico, parece-me que há muito essa preocupação consciente de não fixar, nem o próprio modelo. E isso também é fugir ao ideológico, cada etapa é um novo desafio. No *Amarelo* foi trabalhar em cocriação com crianças, depois trabalhar com outro artista e agora...

SR: Neste espetáculo que vai estrear, eu vou estar em palco com as crianças, alguns já adolescentes. Vamos ser 3 adultos, 8 adolescentes e talvez 3 crianças mais pequenas. Este é o plano, mas pode mudar.

MC: O próprio processo ajuda.

SR: Sim, a alteração do processo é aquilo que proponho desta vez.

SM: Desinstala, traz problemas novos. É um desconforto constante e necessário.

SR: Agora a tua pergunta é interessante. Temos que estar sempre a pensar nisso. Por exemplo, agora vamos desafiar os pais e os miúdos a irem ver o Robert Mapplethorpe e esta decisão já é em si um *statement*. Tem a ver com questões que defendo. Quem está aqui também está porque gosta deste desafio. Com certeza que aquele professor que, no outro dia, disse que *um homem não beija um homem*, eventualmente não vai querer colocar aqui o seu filho. Claro que há pessoas que estão fora. O que é pena, se calhar são os que precisavam mais de aqui estar.

MC: No atual sistema de ensino, falta espaço para o debate e a experiência sem objetivos mensuráveis?

SR: Para responder reformularia a pergunta: falta espaço e TEMPO para o debate e para a experiência sem objetivo mensurável?

Espaço, porque deveriam existir disciplinas curriculares, devidamente agendadas, semanalmente, e TEMPO, no sentido das próprias disciplinas/áreas mais ligadas às artes ou ao pensamento. Muitas vezes os professores/artistas esquecem-se e andam eles próprios inebriados por um resultado, para não falar dos professores das disciplinas académicas andarem (salvo raras exceções) exaustos para tentarem cumprir programas e mais programas... é angustiantel Espero, por exemplo, que os cerca de 20 professores com quem colaboramos este ano retirem algumas pistas para trabalharem a partir da dança, do teatro, dos direitos humanos e do contacto direto com os artistas, e consigam trabalhar de forma mais lúdica a matemática, o português ou o estudo do meio. Ou seja, que sejam mais criativos e furem, literalmente, a abordagem mais formal, que é a expectável na ligação aos programas instituídos.

SM: Penso que uma ideia interessante pode ser a da necessidade de ultrapassar a separação disciplinar promovida pelo sistema educativo tradicional, que hierarquiza e valoriza saberes em detrimento de outros, e com frequência é incapaz de promover a sua integração.

A experiência da educação artística pode ser um lugar privilegiado de reencontro e re-ligação das dimensões corpo e mente, através de um trabalho que se alimenta do diálogo entre pensamento e movimento e, assim, promove a incorporação do que é apreendido pelo intelecto, convertendo-o em vivido.

MC: Mas o que é exatamente a aprendizagem pelo vivido? É uma abordagem muito deleuziana.

SM: Tem muito a ver com um processo de desinstalação, de questionamento da formatação, da separação de saberes. A vida é fluída, tudo se inter-relaciona. Aqui, num espaço de encontro de ensaio e de erro, em que o corpo está presente e é um protagonista, há o pensamento ativo que se torna vivido porque é incorporado. Acho o conceito de incorporação particularmente importante em todo este caminho. Não é apenas uma aprendizagem da ordem da linguagem, é poder comunicar de uma outra maneira aquilo que de tão novo e autêntico ainda não pode ser dito por palavras, ou ao ser comunicado de uma outra forma vem acrescentar coisas novas ao que é dito. Trazer os materiais e os saberes da escola e poder trabalhá-los a partir de um novo ponto de vista.

SR: Há um sentido de porque é que se está a trabalhar um determinado assunto.

A Bárbara Ramires (professora 1ºCiclo na Escola A Voz do Operário) fez isso. A Bárbara foi a professora do meu filho, com quem fiz isto tudo e que foi totalmente cúmplice neste projeto. Começámos com o livro *Uma Pequena História do Mundo*, de E.H. Gombrich. Eu comecei a ler este livro ao meu filho com 7 anos, e ele a adorar! Foi este livro que propus à Bárbara ler à turma, e ver o que acontecia. E ela aproveitou essas sessões em que líamos, e fazíamos depois exercícios e jogos mais práticos, para dar o programa. Os miúdos escreviam sobre o que falávamos – com entusiasmo - porque sabiam que na semana seguinte vinha a minha sessão. Com a matemática, por exemplo, as crianças pediram para aprender a numeração romana, que nem fazia parte do programa!

É por aí...eles estavam a conhecer *a história do mundo* de forma informal e divertida e, com isso, a dar o programa e a ir para além do mesmo.

É essa ligação que é importante. Como é que os entusiasmos a gostarem de aprender...

Agora, como é que os professores conseguem fazer isto? Como é que conseguem dançar e ser ridículos, juntamente com as crianças e, seguidamente, dar uma aula, por exemplo?

SM: Ou como é que conseguem fazer o sumário no fim da aula, com o que surge? Aproveitar o que vem de lá em vez de seguir um caminho unilateral, predefinido e rígido, que não acolhe o imprevisto que tantas vezes surge da curiosidade natural das crianças.

MC: Isso é possível numa escola como a nossa, em que os objetivos são muito claros?

SM: Se pensarmos no todo é difícil, mas se pensarmos numa turma com 20 alunos e um professor, sobretudo no 1º ciclo, há muito para experimentar, um espaço imenso.

SR: Usar a criatividade.

MC: Os professores têm muito pouco tempo para preparar as sessões...

SR: Mas há exceções. E se há exceções é porque é possível.

MC: Os professores foram privados de uma coisa importante que é o tempo.

SR: Mas a Bárbara conseguiu. Ou a professora de português (2ºciclo) do meu filho que todos adoravam, deu o programa, mas ia para as aulas regularmente ver e discutir filmes. E eles adoravam. Ela despoletava nos miúdos interesse e depois aproveitava para cumprir o programa. E eles tinham boas notas e estão bem preparados. Então é possível. Há exceções. Agora não há regras. O que nós fazemos é um exemplo. O que esta professora fez é outro, o que a Bárbara fez é mais um exemplo. A preguiça é que não posso aceitar, limitar-se a dizer: *estou exausto, não há tempo...*tem que haver transformação!

MC: Em termos de modelo ideal para uma escola, seria sempre uma escola a funcionar por projetos? Uma escola em que as coisas se fossem agregando?

SR: Eu acho que isso seria um bom princípio. Mas não tenho formação na área da educação, sou artista e é somente com a experiência que vou tirando as minhas conclusões. Vou aprendendo com os bons e maus exemplos e muito com o que recebo das crianças. E arrisco, com bom senso e juntando obviamente a minha experiência enquanto mãe. Este ano queremos ver como se vão construir as relações entre os professores das escolas e os nossos professores (CFA), que vão escolher um tema comum e trabalhá-lo. No final do ano terei mais conclusões para voltar a refletir.

SM: O tema é deles, parte dos seus interesses e preocupações.

SR: Há um mote; visto de um ponto de vista mais artístico, se quiseres, eles vão aproveitar para trabalhar os seus programas, de uma maneira mais livre, mais criativa, mais descontraída. O ser criativo num professor é importantíssimo, mas nem sempre eles sabem como isso se faz. E às vezes basta pegar num livro.

Claro que há professores que já fazem isto. Agora é ir mais longe, como se passa disto para o movimento? Para uma sequência? Para uma cena?

Os professores têm que encontrar os seus processos.

O nosso exemplo é *uma formiga* mas, se outros artistas tentassem desbloquear iniciativas deste tipo noutras partes do país e se “outras Bárbaras” agarrassem outros artistas, se houvesse vontade de ambas as partes – acredito que todos ganhariam com isso e, eventualmente, a exaustão diminuiria.

SM: Uma perspetiva cívica da experiência artística.

SR: Tem que haver um interesse real, qualquer coisa que, como artista, se deve desenvolver.

MC: Mais essa vontade do que uma questão cívica?

SR: Um pouco das duas.

SM: Podes ter uma vontade de fazer chegar aos mais novos qualquer coisa a partir do que eles próprios procuram. O tema do nosso próximo espetáculo tem a ver com a pergunta que colocavas sobre o que é interessa às crianças. Encontrar aquilo de que querem falar. Neste caso, é: *o que é que queres ser quando fores grande?* Os artistas podiam ser bons testemunhos pessoais de quem teve oportunidade de seguir uma via, uma vocação e mostrar que esse caminho é possível. Ou que a arte pode fazer parte da vida de cada um de nós sem se tornar obrigatoriamente numa atividade profissional. Ultrapassar a visão “artista de um lado, público do lado de lá”. Se calhar é possível pensar num espaço mais próximo, de confluência. E a escola pode ser este lugar de encontro.

SR: No meu caso, para além do que já expliquei, houve uma altura em que fiquei muito cansada de dar aulas. A experiência como professora na Escola Superior de Teatro e Cinema (4 anos), que adorei, fez-me pensar muito sobre o que fazer a seguir.... Vi que vários alunos, entre os 18-22 anos, pareciam já, de alguma forma, muito “formatados”. *Será que posso voltar mais atrás?* Onde é que tudo começa? Isso levou-me aos mais pequenos. E isso toca a questão cívica. Quando é que se começa a educar? Se calhar os mais pequenos têm menos preconceitos, são mais ingénuos, mais frescos...

E no espetáculo que estou agora a construir, curiosamente, o ponto de partida é, *o que é que queres ser quando fores grande?* ou *o que é que quiseste ser e (não) foste?*

SM: A questão *o que é que queres ser quando fores grande?* é muito deles, é uma questão que lhes estão sempre a colocar. Eles falam disso, nos ensaios.

SR: A ideia do espetáculo começou também por ser *não ter planos*. O que é isso de *não ter planos*? Será possível? Apercebo-me da ansiedade de alguns pais: por um lado, temos que pensar em ter uma

profissão que dê dinheiro, por outro, temos que pensar em ter uma profissão de que se goste... não vamos ter profissão, ou vamos ter muitas profissões?

A ideia é ser lúdico em relação a estes temas, pode ser que alguma desta reflexão chegue ao público e a alguns pais, aqueles que vivem em stress com este tema.

SM: Desde logo, ajuda as crianças a terem ferramentas para lidar com essa angústia.

MC: Ajudar a descobrir que afinal isso não é assim tão importante, que afinal logo se vê.

SR: A tendência é pressionar as crianças para cada vez mais cedo haver essa afirmação. Porque é o pânico de não ter trabalho, da precariedade...

Mas há outros exemplos. Conheço uma miúda, de 25 anos que andou nas Belas-Artes (Escultura) e optou por não querer trabalhar logo, queria conhecer o mundo. Não sei se foi totalmente opção ou se surgiu depois de algumas tentativas de arranjar emprego, eventualmente as duas.

Basicamente, neste momento, viaja pelo mundo, encontrou um sistema de subsistência – ora trabalha nas vindimas, ora trabalha à mesa num café, ora vende os seus quadros, quase não depende dos pais financeiramente – e viaja. Está ligada ao pacifismo, ao ativismo ambientalista... Sempre que há uma manifestação participa. Por exemplo, estava a viajar em Itália, sem dinheiro, ela e uma amiga com que viajava e ofereceram aos revisores um bilhete feito por elas – uns desenhos feitos nuns pedaços de papel - que chamaram qualquer coisa como “bilhete d’ amor”. Às vezes conseguiam viajar gratuitamente, outras vezes eram expulsas do comboio. Mas o que é certo é que atravessaram Itália assim...

É uma história que me tocou imenso; vamos convidá-la no início do próximo ano para uma das nossas “aulas mínimas”, aqui no Teatro. Há um grupo de jovens que estão a encontrar alternativas para fazer aquilo de que gostam. Para não desistirem.

Esta ideia de *não ter planos* e da reflexão à volta disto, e enquanto processo artístico, está a ser muito forte para mim. Eu que sou muito metódica, que sou acusada de planear demasiado, vejo-me num processo que exige este não-planear. Parece que, aqui, encontrei um cantinho em que posso explorar, de alguma forma, este oposto. E abraço também esta ideia de recusar mais e demorar muito tempo a fazer determinadas atividades!

MC: Esta ideia do não ter planos, ou *o que é que queres ser quando fores grande*, e afinal eu não tenho planos, também tem muito a ver com aquilo que escreveste* de furar a lógica da grelha produtiva e de abraçar este lado da lentidão.

SR: Sim, esse é um bom tema, um bom título, abraçar a ideia da lentidão.

Sou contracorrente!

Decidi a certa altura da minha vida, por diversas razões, fazer menos, recusar mais, e dizer não a propostas que, por mais interessantes que possam ser e porque se aprende sempre, me desfocavam daquilo que mais me interessava fazer: espetáculos!

Sou lenta, muito lenta, demasiado lenta, às vezes insuportavelmente lenta: a andar, a

comer, a escrever, a compreender certos conceitos e a ter ideias! E, quando era mais nova isso gerava em mim ansiedade e por vezes até alguma frustração. Agora não, faço espetáculos de 5 em 5 anos (aproximadamente) e pelo meio vou investigando e retendo até que há um momento em que tenho que explodir. Preparo-me lentamente para esse momento.

Os temas dos meus espetáculos manifestam sempre as minhas preocupações na altura e, por isso mesmo, são sempre autobiográficos.

Desde que apresento espetáculos com crianças há preocupações que são constantes, mais ou menos presentes e estão sempre no final: respeito pela criança, respeito pela diferença, não-discriminação...

Preciso de tempo para EXPERIMENTAR e ERRAR!...

No *Amarelo*, a obsessão foi o erro, o confronto entre pais, educadores e crianças sobre o que é que está certo ou errado, algo que me atormentava diariamente.

No espetáculo que estamos a construir, o que me preocupa mais é a ansiedade dos pais e educadores em cumprir algo que decidiram ser expectável numa “boa educação” ou uma “boa preparação”, assim como as dúvidas constantes do que se deve proibir ou o “ser proibido proibir!” E há ainda as questões que as crianças vivem e com as quais não sabem lidar (como por exemplo: professores homofóbicos, líderes fascistas, adultos com atitudes racistas).

Gosto de trabalhar em equipa e em cocriação, não gosto da solidão, gosto de encontrar os colaboradores certos e desafiantes para aquilo que intuitivamente sinto que determinado projeto precisa!

Já era tarde, a conversa teve que terminar – ficou na importância da lentidão, mas cedeu à pressão dos nossos horários.

No fim, a Susana mostrou-me a sala de ensaios – e o espaço à volta. Levou-me a uma sala, com uma mezanine em madeira, que dá diretamente para o recreio da Escola A Voz do Operário. Daquele espaço querem fazer um clube de leitura em voz alta, de leitura coletiva e performada, para que as crianças possam sair da escola *para um outro espaço, próximo do teatro, sempre que for a sua hora do conto*. Este final de visita é um bom final da entrevista, porque a conclui: o projeto do *Grupo 23: silêncio!* é, acima de tudo, um processo – de conquista e de contaminação. Conquista novos objetivos, novos públicos, novos espaços; e contamina porque entra dentro da vida das pessoas e deixa-as entrar no espaço da Arte. Deixar que as crianças entrem noutros espaços, onde alguns fazem arte, é talvez a forma mais eficaz de educação artística – fazer com que os espaços da arte (teatros, museus, galerias, etc.) façam parte do quotidiano das crianças, fazer desses espaços lugares confortáveis, amigáveis, onde as crianças se sintam como iguais.